

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO A PESQUISA**

**A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA FORMA POÉTICA EM
EMPÉDOCLES**

Bolsista: Thiago Rodrigues Lima, FAPEAM

MANAUS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO A PESQUISA

RELATÓRIO FINAL
PIB-H/0174/2013
A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA FORMA POÉTICA EM
EMPÉDOCLES

Bolsista: Thiago Rodrigues Lima, FAPEAM
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Maria do Socorro Jatobá

MANAUS

2014

Sumário

INTRODUÇÃO

Empédocles nasceu em Agrigento (Magna Grécia, Sicília) por volta de 492 a.C., viveu cerca de 60 anos¹ e foi, juntamente com Parmênides e Xenófanos, um dos grandes pré-socráticos a escrever uma épica filosófica em versos hexâmetro, seguindo a tradição mitopoética de Homero e Hesíodo. Influenciou a medicina antiga (representando um contraponto a chamada medicina hipocrática) com suas ideias sobre as motivações da geração e perecimento dos corpos e suas descrições dos processos cíclicos de mistura de qualidades e quantidades distintas. De família aristocrática, notabilizou-se como grande propugnador de ideais democráticos e do princípio da isonomia, não somente como modo de conduzir a vida na *pólis*, mas como fundamento dinâmico do próprio cosmo. É provável que tenha sido exilado de sua cidade natal como resultado de suas convicções políticas, terminando seus dias no Peloponeso.

Tal como outros pré-socráticos, os relatos sobre a vida de Empédocles estão envoltos em lendas e fantasias. Ganhou fama por suas habilidades mânticas e divinatórias. Conta-se que para provar que era um deus², um espírito divino³ caído em razão de injustiças cometidas⁴, atirou-se na cratera no vulcão Etna e teve suas sandálias de ouro lançadas de volta. Filósofo-taumaturgo, o último grande xamã⁵, as representações de Empédocles, sejam elas

¹ LAÉRCIO, Diógenes.

² **DK31B113. SEXTO EMPÍRICO, *Contra os Matemáticos*, I, 302.** *Mas por que nisso insisto, como se grande coisa eu fizesse, se sou mais que os mortais, a muitas destruições sujeitos?*

³ **DK31B112. DIÓGENES LAÉRCIO, VIII, 62.** *Amigos, que a grande cidade na borda do louro Acragas habitais, na parte alta, em boas obras ocupados, abrigos veneráveis, a estrangeiros ignorantes, de maldade alegrai-vos; eu para vós um deus imortal, não mais mortal caminho entre todos cumulado de honras, como é minha imagem, de fitas coroado e de guirlandas floridas. Quando com estas venho às cidades florescentes, por homens e mulheres sou venerado; e eles me seguem, milhares a se informar por onde é o caminho ao lucro, alguns carecendo de oráculos, e outros com doenças de toda espécie consultam para ouvir palavra de cura, longamente traspassados de pesadas dores.*

⁴ **DK31B115. HIPOLITO, *Refutação*, VII, 29; PLOTINO, *Enéadas*, IV, 8,1.** *É de Necessidade oráculo, de deuses antigo decreto, eterno, bem selado com amplos juramentos: quando um, por loucura, com sangue amigos membros manchou, e por ódio o que um falso juramento tenha feito, demônios que tiveram de partilha uma longa vida, dez mil estações eles longe dos abençoados erram, nascendo pelo tempo em toda espécie de formas de mortais, que penosos caminhos de vida permutam entre si. Pois força de éter os persegue em direção de mar e mar em solo de terra os vomitou, e terra em raios de sol luminoso, e este os atirou em turbilhões de éter; outro de outro os recebe, e os odeiam todos. Destes também eu agora sou, dos deuses banido, errante, em furioso ódio tendo confiado.*

⁵ Segundo Dodds. (cf. bibliografia) ... os fragmentos de Empédocles são uma das fontes diretas de que ainda dispomos para termos uma noção de como realmente era o xamã grego. (...) Se estou certo, Empédocles representa não um novo, mas um tipo de personalidade mais velho - o xamã que combina as funções ainda indistintas do mago e do naturalista, do poeta e do filósofo, pregador, curador e conselheiro.⁷² Depois dele estas funções sofreram uma desintegração; dali em diante os filósofos não mais seriam nem poetas nem magos. Na verdade, um homem como Empédocles já era um anacronismo mesmo no século V a.C. Mas homens, como Epimênides e Pitágoras, também podem ter exercido as funções que acabei de nomear. Enfim, não se tratava de uma questão de "sintetizar" os domínios de conhecimento prático e teórico, pois na qualidade de homens de

inteiramente fantasiosas ou plausíveis, condizem com a imagem que se faz do homem sagrado mítico e místico - os “mestre da verdade”⁶ - desde o período arcaico com Homero e Hesíodo, até o contexto órfico-pitagórico. Contemporâneo de Zenão e uma geração mais novo que Parmênides, em 444 a.C Empédocles pôde encontrar-se com o historiador Heródoto e o sofista Protágoras durante sua visita a cidade de Túrios, no sul da Itália. E, nesse período manteve contato com as tradições órfico⁷-pitagóricas e as religiões de mistérios⁸ que criam na vida pós-morte.

Tradicionalmente são atribuídos a Empédocles dois livros: *Sobre a Natureza* (*Peri Phýseos*), seguindo a mesma designação das obras de outros pré-platônicos⁹; e *Purificações* (*Katharmoi*¹⁰). Há alguma dificuldade em precisar quais dos versos que dispomos pertencem propriamente a cada um dos dois livros¹¹. O que temos a partir da compilação *standard* de

deus, eles agiam com confiança em todos os domínios - a “síntese” era, portanto, pessoal e não lógica. p. 49-50.

⁶ DETIENNE, Marcel.

⁷ Na história do pensamento grego antigo a concepção ambivalente do homem, que opõe a alma ao corpo (sendo a primeira imortal e divina, e o segundo mortal e humano), é tradicionalmente reconhecida como tendo origens órficas. A propósito da antiguidade das crenças órficas atesta-nos o poeta Píndaro (séc. VI-V a.C): *O corpo de todos obedece à morte potente, e depois resta ainda vivente imagem da vida, pois que somente essa vem dos deuses: ela dorme enquanto agem os membros, mas em muitos sonhos mostra aos que dormem o que furtivamente de prazer e sofrimento está decidido.* Colli. 4 [A 9]. Píndaro, frag.131b - p. 127. O orfismo é paradigmático no que diz respeito não só à vida espiritual grega, mas também ao pensamento filosófico. Sobre essa dimensão paradigmática, toda a tradição pré-socrática é emblemática, com figuras como Pitágoras, Heráclito e Empédocles.

⁸ Cf. Colli, G. Bibliografia.

⁹ No fim do século XVIII com J.-A. Eberhard, mas de maneira mais notória na virada do século XIX para o século XX, convencionou-se, a partir da designação do filósofo Eduard Zeller (1814-1908) e posteriormente do elenista e filólogo Hermann Diels (1848-1922), chamar àqueles pertencentes à tradição anterior a Sócrates, e mesmo alguns de seus contemporâneos, de “Pré-socráticos”. Esta denominação, longe de delimitar cronologicamente uma corrente de pensamento, acaba por suscitar problemas ainda maiores quanto ao seu escopo. De modo que, ao longo dos chamados estudos pré-socráticos, muitos optaram por denominações distintas, tais como “pré-platônicos”, utilizado por Nietzsche em sua crítica do método histórico e defesa anti-socrática de um pensamento trágico, ou as denominações *physicoi* e “primeiros filósofos”, que remetem à empreitada científica e teleológica de Aristóteles em relação ao pensamento filosófico, ou ainda, a “filosofia não-socrática” segundo W. Kranz no prefácio à 5ª edição de Os Fragmentos Pré-Socráticos de H. Diels. Toda essa controvérsia terminológica é indiciária da extrema relevância para a história do pensamento ocidental das questões suscitadas por Sócrates, e também de sua originalidade ao retomar, em estilo fundamentalmente dialógico, questões suscitadas por Homero e Hesíodo e problemas levantados por pensadores como Parmênides, Heráclito, Zenão, Pitágoras, Empédocles, Filolau e Protágoras.

¹⁰ *Kátharsis (he): purificação. De Katharós: puro. Método progressivo de desapego dos sentidos para viver segundo o pensamento. Já era uma preocupação dos órficos, adotada pelos pitagóricos; Empédocles escreveu um livro das ‘Purificações’ (katharmoi), no qual reproduz textualmente um verso de Pitágoras (Palavras de Ouro, 71). Em Platão, a ‘kátharsis’ é um longo exercício de ascese para livrar-se do corpo, exigência da filosofia (Fédon, 67c). Cf. GOBRY, I.*

¹¹ Há dois poemas ou apenas um? Quais as implicações desta escolha para os diferentes interpretes? Bollak (cf. bibliografia) cuidadosamente dissocia os dois poemas sem negligenciar, contudo, a mútua significação dos poemas, mas sempre enfatizando que cada poema destina-se a um público diferente. Outros interpretes, como A. Pierris e D. Sedley (Segundo Mckirahan. Cf bibliografia) seguem um ordenamento dos fragmentos segundo a interpretação na qual os textos que nos foram legados compõe um único poema. As recentes descobertas (papiro de Strasburgo – 1999, Cf. nota 18) confirmam ou endossam a segunda interpretação, segundo a qual há somente um poema. (ver frag. 17 + papiro de Strasburgo que converge para a tese da unidade temática).

Diels e Kranz é que, das duas obras, restaram cerca de 550 versos no total, distribuídos em 148 fragmentos. Porém, esta distinção consagrada pela tradição filosófica desde Aristóteles, não corresponde às interpretações de alguns estudiosos modernos¹² dos pré-platônicos. Segundo a tese que entende a obra de Empédocles como um díptico, os poemas são distintos quanto aos objetivos, conteúdos e destinatário. *Sobre a Natureza*, dedicado a Pausânias¹³, constitui uma exposição doutrinal sobre o que é dado aos mortais conhecer e o modo pelo qual esse conhecimento se efetiva. Por outro lado, *Purificações* não é um discurso propriamente cognoscitivo e científico, mas antes uma mensagem (através do canto das musas) com preceitos ético-morais que alerta sobre a presença dos deuses, a imanência divina.

Essas distinções marcam, sobretudo, uma diferença quanto à forma literária. E de fato, a ênfase na linguagem poética, no uso de recursos estilísticos e procedimentos poéticos tais como metáforas, metonímias e aliterações, a elaboração da mensagem a partir de imagens míticas, arcaicas, órficas, as referências cosmogônicas constantes, tudo isso se faz notar, de modo mais explícito e intencional, nos versos atribuídos ao poema das *Purificações*¹⁴.

Segundo Pereira¹⁵, há três aspectos fundamentais no pensamento de Empédocles: O primeiro é o aspecto mítico e toda sua referência à poesia épica de Hesíodo; o segundo é o aspecto místico com toda sua herança e reminiscências órficas; o terceiro aspecto é aquele que diz respeito à doutrina física empedocleana, influenciada por Parmênides e Anaxágoras. Em todos estes, o uso de metáforas, metonímias, símiles e homonímias não constitui um recurso meramente alegórico, mas apresenta-se, sobretudo, como condição da própria difusão do discurso no século V a.C, onde algumas analogias podem, por vezes, ser mais esclarecedoras e condizentes com o contexto que uma definição lógica.

Essa condição, longe de representar um limite, garante maior expressividade e a ampliação semântica necessária para a transmissão da mensagem e desenvolvimento do pensamento. Para Friedlander¹⁶ há fundamentalmente duas classes de metáforas utilizadas por Empédocles: À primeira, Friedlander chama de cosmológico-ontológicas, incluindo as quatro raízes e as

¹² (INSERIR REFERÊNCIAS DE AUTORES...)

¹³ (CITAR FONTES BIOGRÁFICAS A PARTIR DA LEITURA DO *THE PEOPLE OF PLATO* E CITAR DIANA CARIZOSA)

¹⁴ **DK31B131. HIPÓLITO, Refutação, VII, 31.** *Pois se por um dos seres efêmeros, imortal Musa, nosso empenho te empenhaste em que por senso fosse, ao que agora suplica de novo assiste, Calíope, que sobre deuses venturosos bom discurso à luz expõe.*

¹⁵ (Cf. bibliografia).

¹⁶ (Cf. bibliografia).

forças responsáveis por movê-las, *Neikos* e *Philotes*; A segunda classe de metáforas, chamada de teogônico-míticas, inclui todas as referências às divindades e sua expressão mítica.

Com efeito, aproximando ou diferenciando as características poéticas e filosóficas dos versos de Empédocles, parte dos comentadores¹⁷, ainda que a título de contextualização e esclarecimento histórico, segue a convenção que divide os fragmentos em dois livros e a partir de dois critérios básicos: todos os fragmentos soteriológicos e de conotações órfico-pitagóricas são classificados como pertencentes ao texto das *Purificações*, e tudo o que refere-se ao funcionamento e origem do universo atribui-se ao *Sobre a Natureza*. Contudo, ainda temos compilações tais como as dos fragmentos DK31B117 e DK31B17 + papiro de Strasburgo¹⁸ que revelam ambas as características, ou seja, há tanto os aspectos soteriológicos e órfico-pitagóricos como as especulações acerca das origens cosmológicas, o que remete ao aspecto unitário da doutrina e da mensagem dos poemas de Empédocles.

DK31B117. DIÓGENES LAÉRCIO, VIII, 77

Já com efeito eu outrora fui menino, menina, arbusto, passarinho e, do mar saltando, mudo peixe.

DK31B17. SIMPLÍCIO, Física, 157.

Duplas (coisas) direi: pois ora um foi crescido a ser só de muitos, ora de novo partiu-se a ser muitos de um só. Dupla é a gênese das (coisas) mortais, dupla a desistência. Pois uma a convergência de todos engendra e destrói, e a outra, de novo (as coisas) partindo-se, cresce e se dissipa. E estas (coisas) mudando constantemente jamais cessam, ora por Amizade convertidas em um todas elas, ora de novo divergidas em cada por ódio de Neikos. Assim, por onde um de muitos aprenderam a formar-se, e de novo partido o um múltiplos se tornaram, por aí é que nascem e não lhes é estável a vida; mas por onde mudando continuamente jamais cessam, por aí é que sempre são imóveis segundo o ciclo. Mas vai, do mito escuta; pois estudo aumenta o peito. Pois como já antes disse, revelando o alcance do mito, duplas (coisas) direi: pois ora um foi crescido a ser um só de muitos, ora de novo partiu-se a ser muitos de um só, fogo e água e terra, e de ar a infinita altura, e Ódio funesto fora deles, de peso igual em toda parte, e Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura; contempla-a co'a mente, e

¹⁷ Bollak, Casertano...

¹⁸ Material encontrado em 1904 no Egito e trazido para a coleção de papiros da Coleção da Biblioteca Imperial de Strasburgo, onde permaneceu sem ser objeto de estudo até os anos 1990. Em 1999 o papiro de Strasburgo ganhou sua primeira edição intitulada *L'Empédocle de Strasbourg* de A. Martin e O. Primavesi. Após essa descoberta alguns fragmentos foram modificados, acrescidos, e outros simplesmente condizem com os já existentes, são eles: DK31B17; B20; B76; B139. A referência para citação desses fragmentos alterados será MCKIRAHAN, R. Cf. bibliografia. Quanto aos demais fragmentos, a fonte para citações será SOUZA, José Cavalcante, ver bibliografia.

com os olhos não te sentes pasmo; ela entre mortais se considera implantada em seus membros, por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite. Ela por entre eles se enrolando não a viu nenhum mortal; mas tu ouve do discurso a seqüência não enganosa. Pois estes todos são iguais e de mesma idade,

Mas honra, cada um mede outra, e cada um tem seu modo. e em turnos prevalecem no circuito do tempo. E além deles nada mais vem a ser nem deixa de; pois se continuamente perecessem não mais seriam; e este todo que (coisa) o acresceria? Donde vindo? E por onde se extinguida, pois destes nada é vazio? Porém estes são eles mesmos, e correndo uns pelos outros tornam-se outros em outras vezes e continuamente os mesmos.

{Porém, sob o amor}¹⁹ reunimo-nos em um único 'kosmos', {enquanto sob a Discórdia, cresceu [isto é, o todo ordenado] dissociado, de modo a} ser muitos de um, a partir do que [isto é, da multiplicidade de coisas], todas as coisas que foram e são e serão no futuro

germinaram: árvores, homens e mulheres, e feras, pássaros e peixes nutridos na água, e deuses de vida longa, em honras os mais elevados.

{Sob ela[ou seja, a Discórdia]} nunca cessam de se lançar em densos turbilhões (...)

Sem parar, e nunca (...) (275)

porém {muitas} vidas antes (...)

antes de passar-lhes

{e nunca cessam de} continuamente lançar-se {em todas as direções}

pois nem o sol (...)

{a investida plena disto} (...) (280)

tampouco nem um dos outros (...)

mas intercambiando em círculo {lança-se em todas as direções}

pois naquele tempo corre a impassível terra, e também o sol

{e a esfera [isto é, a esfera celestial]} tão grande como agora {consideram} os homens {que seja}

do mesmo modo todas essas coisas {estavam correndo} umas através das outras (285)

{e tendo sido conduzidas para longe cada qual alcançou} diferentes

{e peculiares} lugares

{obstinadas}; e estávamos sendo reunidos nos lugares mais centrados

para sermos apenas um.

Porém, quando, com efeito, a Discórdia atravessou {e alcançou} as profundezas

¹⁹ Nesse ponto começa a sessão acrescida do Papiro de Strasburgo. Ver nota 19.

{do turbilhão}, e o Amor {veio a ser} no meio do vórtice, {então} com efeito todas essas coisas reuniram-se para ser uma única. (290)

{Esforça-te avidamente} de modo que {meu relato possa chegar}

não apenas pelos ouvidos

{e contempla} a infalível verdade que está em volta enquanto tu me escutas.

Devo mostrar-te, igualmente, através de teus olhos {onde eles[isto é, elementos] encontram} um corpo maior: primeiro, o reunir-se e o desenvolver-se {da prole} e tudo aquilo que agora ainda permanece dessa {geração} (295)

tanto entre as {espécies selvagens} das bestas que vagam pelas montanhas

e entre a dupla prole dos homens, {e também entre} a prole dos {campos} portadores de raízes, e vinhas que fazem crescer {cachos de uvas}.

Dessas histórias aporta a tua mente evidência inequívoca, pois verás o reunir-se e o desenvolver-se da prole. (300)

Casos como os dos fragmentos 117 e 17 chamam a atenção para um risco constante de anacronismo que todo estudioso dos pré-platônicos corre ao cindir bruscamente o pensamento mítico e o pensamento filosófico, a linguagem poética e a linguagem filosófica. É certo que existem especificidades ineludíveis quanto ao que é da ordem da narrativa mítica, das religiões de mistérios, das ciências e da poesia²⁰, porém, tais especificidades não justificam uma antítese *mythos-lógos* ou filosofia-poesia. É sempre prudente lembrar que o conhecimento para os primeiros filósofos era uma manifestação exortativa da vida enquanto totalidade cosmológica e cosmogônica, o discurso filosófico nasce como narrativa laudatória da presença dos deuses. Como afirma Colli²¹, *na Grécia um deus nasce de uma visão exultante da vida, de um pedaço da vida que se quer deter. E isso já é conhecimento.*

Assim sendo, alma (*psykhé*²²) e cosmos, matéria (*hýle*²³) e espírito (*noûs*²⁴), soteriologia e filosofia da natureza, *physis* e *pólis*, todos estes pares não eram pensados como realidades em

²⁰ A propósito dessas distinções ver Betancourt, Willian D. *El mythos y el doble problema de la filosofia del origen*. Cf. Bibliografia.

²¹ Colli, G. p. 13.

²² *Princípio, de natureza vital ou espiritual; mais habitualmente das duas ao mesmo tempo; princípio que 'anima' o corpo*. Cf. GOBRY, I. p. 123.

²³ **Hýle (he): matéria**. Derivado: *hýlikós* / material. **Hýle** significa, primitivamente, madeira, árvore, floresta, lenha. Os filósofos adotaram essa palavra para designar a matéria que, devido ao seu caráter indiferenciado, não tinha denominação. A matéria opõe-se, por um lado, ao espírito (**noûs**), que é a realidade imaterial por excelência, e, por outro, à forma (**eîdos**, **morphé**), que é o ato metafísico exercido sobre a matéria para diferenciá-la. (...) Os primeiros pensadores jônios não usaram a palavra **hýle**, universal demais para eles; mas, para encontrar uma matéria única na origem do mundo, eles privilegiaram ora a água, ora o ar, ora o fogo, como Princípio (**arkhé**) material do mundo. Cf. GOBRY, I. p. 76-77.

si distintas, meramente complementares ou correspondentes, mas, sobretudo, eram manifestações de uma realidade (uma *physis* engendrada por uma *arkhé*) Una, indivisível e eterna. Essa indiscernibilidade ou, melhor dizendo, univocidade da linguagem e do conhecimento sobre a natureza, o homem e os deuses, também está presente nos versos de Empédocles, versos que remetem à tradição mito-poética e também ao seu legado órfico-pitagórico, expressões de intuições arcaicas que estão na origem de todo pensamento pré-socrático.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Há quatro fases do ciclo cósmico, duas mais extremas caracterizadas pelo completo domínio ora do Amor, ora da Discórdia. As outras duas fases são intermediárias, caracterizam-se pela transitoriedade e são dinâmicas. As raízes somente interagem, formando compostos²⁵ (e seres vivos), durante os períodos intermediários de transição dinâmicos. O movimento possibilitado pelas forças sucessivas Amor e Discórdia mostra-se fundamentalmente ascensional e cíclico²⁶. Para Empédocles, assim como na tradição pitagórica, o conhecimento visa a libertação da alma (dimensão divina do homem) das condições deletérias desse mundo, libertação do ciclo de padecimentos e precariedades ao qual somos todos submetidos, libertação das limitações e transitoriedades do corpo (dimensão mortal do homem).

²⁴ Para ocorrência do termo *Noûs* nos fragmentos de Empédocles ver DK31B2, 7-8; B105; B107; B103; B110; B136. **Noûs (ho): espírito.** *Latim: spiritus, intellectus. Esse termo tem dois sentidos: substância: espírito; faculdade mental: inteligência. Essa forma, usual nos filósofos clássicos, é a contração de nó-os, que se encontra no dialeto jônio; o radical no designa pensamento. A linguagem filosófica emprega vários derivados: nóesis; noerós; nóema; noetón; noeîn; énoia; diánoia; epínoia; eúnoia; prónoia; hypónoia; áгноia.* Cf. GOBRY, I. p 98. (CONTINUAR NOTA A PARTIR DA LEITURA DE BOLLACK, P. 250-255, A PROPÓSITO DA ANALOGIA ENTRE PENSAMENTO E A FUNÇÃO FISIOLÓGICA DA CIRCULAÇÃO SANGUÍNEA. CITAR DE ANIMA 426a, SOBRE COMO, PARA ARISTÓTELES, PENSAR E SENTIR ERAM SEMELHANTES. CONTINUAR TAMBÉM A PARTIR DA LEITURA DE LE VOCABULAIRE DES PRÉSOCRATIQUE, SALIENTANDO A RELAÇÃO ENTRE OS TERMOS NOÛS E PHRÈN FRG. 10, 17, 23, 110, 134).

²⁵ Importante observar que os termos “compostos” e “elemento” não são empregados por Empédocles. (CONTINUAR NOTA A RESPEITO DAS IMPLICAÇÕES DO USO DOS TERMOS “MISTURA” E “RAÍZES”).

²⁶ **DK31B26. SIMPLÍCIO, Física, 33, 18.** *Em turnos prevalecem no circuito do ciclo, perecem uns nos outros e crescem em seu turno fixado. Pois estes são eles mesmos e correndo uns pelos outros tornam-se homens e espécies de outros animais, ora por Amizade convergidos em uma só ordem, ora de novo à parte movidos cada um por ódio de Neikos, até que em um crescidos, o todo, submissos se tornem. Assim, por onde um de muitos aprenderam a formar-se e de novo partido o um muitos se constituem, por aí é que nascem e não lhes é estável a vida; mas por onde mudando continuamente jamais cessam, por aí é que sempre são, imóveis segundo o ciclo.* **DK31B27. PLUTARCO, Da Face da Lua, 12, p. 926 d.** *Ali nem de sol são distinguidos ágeis membros, nem tampouco de terra força hirsuta, nem mar; de tal modo em cerrado invólucro de Harmonia está fixado Esfero torneado, alegre em sua solidão circular.* (CONTINUAR NOTA A PARTIR DO “LE VOCABULAIRE DES PRÉSOCRATIQUES”..)

Amor e Discórdia são agentes de toda mistura, porém não são sempre simultaneamente constituintes das misturas. *Neikos* e *Philotes* são corpóreos, como indica o fragmento **DK31B17, 19-20** (*iguais em todas as direções (...) igual em extensão e largura*), contudo, eles constituem fisicamente as misturas somente enquanto agem. Ou seja, Amor e Discórdia somente constituiriam simultaneamente as misturas em algum instante efêmero dos períodos intermediários. Como poderia haver simultaneidade de dois princípios antitéticos tais como união e separação, junção e disjunção? Imaginar essa simultaneidade, por mais contraditória que ela seja, é pensar naquilo que possibilita a totalidade do que há. A hipótese de uma simultaneidade efêmera de *Neikos* e *Philotes* equivaleria à efetivação da palavra divina arcaica, enigmática e oracular, palavra que dá indícios de sua eternidade, uma vez que limitado e indiciário é nosso entendimento da totalidade e dos deuses como nos mostra Empédocles:

DK31B131. HIPÓLITO, Refutação, VII, 31. *Pois se por um dos seres efêmeros, imortal Musa, nosso empenho te empenhaste em que por senso fosse, ao que agora suplica de novo assiste, Calíope, que sobre deuses venturosos bom discurso à luz expõe.*

DK31B132. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, Tapeçarias, V, 140.
Feliz o que de entranhas divinas adquiriu tesouro, e mísero o que sobre deuses obscura opinião mantém.

DK31B133. IDEM, ibidem, V, 81. *Não é (possível) acercar-se (o divino) nos olhos chegado, nem com nossas mãos pegá-lo, por onde justo a mais larga via de persuasão para os homens cai no peito.*

Tendo em vista a dimensão progressiva do ciclo cósmico empedocleano e entendendo o seu conhecimento da *physis* como um movimento ascensional, talvez seja possível, em um exercício diacrônico de interpretação, pensar a epistemologia socrática em analogia com a cosmogonia de Empédocles, fazer analogias entre a dimensão processual e ascensional do conhecimento dialético socrático que opera pelo movimento dialógico permanente, e a constante interação entre as raízes empedocleanas nas fases intermediárias do ciclo cósmico²⁷. Porém, remetendo-nos às reverberações arcaicas que perpassam todo o

²⁷ Em sendo possível tal aproximação entre cosmologia empedocleana e epistemologia socrática, é importante lembrarmos que as preocupações de Sócrates estavam voltadas antes para a condição humana que para a origem, princípio e ordem do mundo. Sobre isso atesta-nos Laks (cf. bibliografia): *Longe de se envolver com as “coisas divinas”, como o faziam OS naturalistas, o interesse de Sócrates é resolutamente voltado para as “coisas*

pensamento grego antigo, é imperioso pensar que a dimensão cíclica e ascensional do conhecimento e da natureza em Empédocles, aproxima-se, antes, da narrativa cosmogônica, mítica e órfico-pitagórica.

O termo “reverberações” não é utilizado, aqui, como simples recurso alusivo, mas condiz com um contexto de transição entre o período arcaico e o clássico, um contexto de recente advento da escrita como função propriamente literária²⁸, onde a oralidade ainda era predominante como manifestação da palavra das musas, filhas de Zeus e Mnemosyne, do *lógos alethés* entoado e concedido²⁹ ao poeta-filósofo pelos deuses. Essa palavra ecoa de um contexto mítico que subverte as temporalidades³⁰ e faz do presente, passado e futuro deuses

humanas” (ta anthropina), o bem do homem e a prática da virtude. Tanto em Xenofonte quanto na Apologia de Platão, Sócrates ocupa o lugar de primeiro “humanista” – um humanismo que se distingue por sua recusa absoluta de toda especulação física. É o que diz, também, de maneira ao mesmo tempo mais tradicional e menos transparente, a fórmula bem atestada segundo a qual Sócrates se ocupava não de física, mas de ética (Diógenes Laércio, I, 18; II, 20-21. A oposição simples e retoricamente eficaz entre “naturalismo” pré-socrático e “humanismo” socrático visava, em primeiro lugar, marcar uma diferença tipológica entre duas formas de orientação intelectual. Mas ela oferecia também a via para uma interpretação historiográfica, em virtude da qual uma orientação sucede a outra. O Fédon desenvolve, além do mais, uma imagem mais complexa da relação entre Sócrates e a antiga física que aquela que a Apologia e OS Memoráveis, por razões compreensíveis, evitaram mencionar, a saber, que Sócrates teria ele mesmo conhecido, em seus primeiros tempos, uma fase naturalista. Laks. p. 24.

²⁸ 4. A escrita como função propriamente literária aparece na Grécia depois da metade do século VI a.C. e gravita, primeiramente, em torno da esfera política, na forma de documento público, pois assim parece ter sido conduzida a recensão homérica sob Pisístrato (e ainda mais tarde em relação ao conteúdo, se incluirmos a obra de Heródoto). Ou é desde o princípio um instrumento expressivo acidental, como já foi observado no caso de Heráclito, ou pode ter sido o acaso, ainda antes, no caso de Ferécides, Anaximandro ou Hecateu. E, via de regra, a escrita é, primeiramente, um simples meio mnemônico, que não merece nenhuma consideração intrínseca e sem autonomia expressiva. Depois, quando a linguagem dialética se torna pública, essa autonomia é paralelamente descoberta, ainda que lentamente, e emergem fatais os nomes de Górgias e Platão. Em outras palavras, nascida fora da escritura e repugnando a escritura, foi justamente por meio dela que a razão se afirmou como um grande evento – mas episódico - na história do mundo. Desde então a filosofia é coisa escrita e fundada sobre coisas escritas, fechada em uma quietude de morte. (FE 201; cf. NF 103). Colli, G. A sabedoria grega (III). p. 177.

²⁹ **DK31B3. SEXTO EMPÍRICO, Contra os Matemáticos, VII, 124.** *Mas vós, deuses, a loucura destas (coisas) afastai-me da língua e de santificados lábios deixai correr pura fonte. E a ti, de muita memória, de alvos braços, ó virgem Musa, eu te peço, do que é lícito a efêmeros ouvir envia, do reino de Piedade trazendo, o dócil carro. Nem te será forçado flores de bem acolhida honra de mortais receber, e além da santa (ordem?) falar com audácia — e então nos cimos do saber tomar assento. Mas vai, atenta com todo manejo por onde (é) clara cada (coisa); nem tendo alguma vista confia mais que por ouvido; ou no ouvir ressoante mais que no claro gosto da língua; nem dos outros membros, por onde (é) caminho ao pensar, retira a confiança, mas pensa por onde (é) clara cada (coisa).*

³⁰ A propósito do tempo mítico e sua relação com o fenômeno sonoro, a música e o canto das musas, citamos aqui uma passagem belíssima do texto *O cru e o cozido*, do antropólogo Lévi-Strauss. Aqui, o antropólogo com toda sua lucidez e brilhantismo nos faz refletir sobre como a música, a harmonia, o canto das musas podem ser uma epifania, uma metáfora estética da razão. E, antes de citar o referido autor, faz-se necessário lembrar que o uso do termo “estética”, aqui, está distante de sua acepção moderna, uma vez que a Estética não existia como disciplina filosófica e esfera autônoma do conhecimento no contexto de transição do período arcaico para o período clássico aqui estudado. Portanto, a abordagem da tradição mito-poética grega deve ocorrer no âmbito da palavra revelada, do *logos alethés*. Feita a observação, passamos à citação: *Acreditamos que a verdadeira resposta se encontra no caráter comum do mito e da obra musical, no fato de serem linguagens que transcendem, cada uma a seu modo, o plano da linguagem articulada, embora requeiram, como esta, ao contrário da pintura, uma dimensão temporal para se manifestarem. Mas essa relação com o tempo é de natureza muito particular: tudo se passa como se a música e a mitologia só precisassem do tempo para infligir-*

ingêntos e eternos, um contexto onde vivem as divindades em sua eternidade. Essa palavra reverbera como presença divina no entendimento (*noûs* e *phrèn*)³¹ dos pensadores pré-socráticos. A épica filosófica de Empédocles é um presente divino, simultaneamente dádiva e atualidade, manifestação da imanência dos deuses.

A filosofia nasce das reverberações eloquentes da poesia épica, no canto das musas e na música dos deuses. O advento da escrita, paulatinamente torna a filosofia, enquanto exercício originário da razão especulativa e reflexiva, uma prática que exige uma quietude teórica, um vislumbre, uma mirada da vida mais que uma audição contemplativa e uma auscultação da vida. Estamos habituados a usar a visão, os olhos, a luz como metáforas maiores do conhecimento. Fazemos dos olhos as janelas da alma, a alma transformamos em espelhos do entendimento e do mundo. O sentido da visão é privilegiado em uma cultura onde a escrita e a leitura exercem função epistemológica primordial. Por outro lado, em uma cultura marcada pela oralidade, como ocorre no período arcaico e sua transição pré-socrática até o período clássico, a audição e a escuta exercem função paradigmática e paidêutica, na medida em que as palavras reverberadas possuem o estatuto de verdade revelada (quando ligadas ao canto das deusas musas) e instauradoras da verdade (quando decorrem do exercício especulativo e reflexivo dos filósofos acerca da *physis* e do cosmo divinos).

Empédocles já nos alertava para a importância do uso adequado de cada um dos sentidos, visto que o entendimento dos mortais não prescinde de qualquer um deles, tão pouco é possível preterir algum dos sentidos em função de qualquer outro³². Essas distinções entre o privilégio da audição e o privilégio da visão como sentidos mais adequados ao conhecimento filosófico³³ podem ser notadas ao confrontarmos a poesia no contexto homérico, hesiódico ou

lhe um desmentido. Ambas são, na verdade, máquinas de suprimir o tempo. Abaixo dos sons e dos ritmos, a música opera sobre um terreno bruto, que é o tempo fisiológico do ouvinte; tempo irremediavelmente diacrônico porque irreversível, do qual ela transmuta, no entanto, o segmento que foi consagrado a escutá-la numa totalidade sincrônica e fechada sobre si mesma. A audição da obra musical, em razão de sua organização interna, imobiliza, portanto, o tempo que passa; como uma toalha fustigada pelo vento, atinge-o e dobra-o. De modo que ao ouvirmos música, e enquanto a escutamos, atingimos uma espécie de imortalidade. Vê-se assim como a música se assemelha ao mito, que também supera a antinomia de um tempo histórico e findo, e de uma estrutura permanente. O cru e o cozido, Lévi-Strauss. p. 35.

³¹ Cf. Nota 23.

³² **DK31B3. SEXTO EMPÍRICO, Contra os Matemáticos, VII, 124.** *Mas vós, deuses, a loucura destas (coisas) afastai-me da língua e de santificados lábios deixai correr pura fonte. E a ti, de muita memória, de alvos braços, ó virgem Musa, eu te peço, do que é lícito a efêmeros ouvir envia, do reino de Piedade trazendo, o dócil carro. Nem te será forçado flores de bem acolhida honra de mortais receber, e além da santa (ordem?) falar com audácia — e então nos cimos do saber tomar assento. Mas vai, atenta com todo manejo por onde (é) clara cada (coisa); nem tendo alguma vista confia mais que por ouvido; ou no ouvir ressoante mais que no claro gosto da língua; nem dos outros membros, por onde (é) caminho ao pensar, retira a confiança, mas pensa por onde (é) clara cada (coisa).*

³³ *Todos os homens, por natureza, tendem ao saber. Sinal disso é o amor pelas sensações. De fato, eles amam as sensações por si mesmas, independentemente de sua utilidade e amam, acima de todas a sensação da visão.*

pré-socrático e a poesia como arte mimética em Aristóteles, duas formas poéticas que expressam dois contextos e modelos cognitivos distintos. Para Aristóteles³⁴ a poesia (tragédia ou comédia) é imitação cênica e dramática (ou, em outras palavras, reprodução e representação fundamentalmente visuais de uma realidade) de uma ação de caráter (*ethos*) elevado ou ridículo, com certa extensão e verossimilhança, unidade temporal e espacial de ação e, por fim, visa a catarse.

Já no contexto da épica arcaica, por outro lado, a poesia é, sobretudo, eloquência, enunciação de uma realidade não necessariamente verossímil e cronologicamente linear, com começo, meio e fim. A linguagem poética arcaica é o meio pelo qual o canto das musas ecoa em nosso entendimento “efêmero” e revela a verdade, sua fonte ou raiz é a apoteose³⁵ musical do *lógos*, música divina que instaura os sentidos do real. A linguagem poética da épica filosófica de Empédocles também visa a catarse ou purificação e, ao preservar as marcas de uma oralidade ancestral, aponta para a dimensão cognitiva da audição e para a dimensão paradigmática e função paidêutica do mito na Grécia antiga.

SEGUNDA CAPÍTULO

A tradição pré-socrática representa um marco inaugural de um modo de pensar, sentir e contemplar a natureza, o cosmos e o ser humano. Este modo reverbera as distâncias e proximidades culturais mais intensas e profundas, que remetem à herança arcaica, sua confluência entre a tradição oriental mesopotâmica e os traços culturais legados do império

Com efeito, não só em vista da ação, mas mesmo sem ter nenhuma intenção de agir, nós preferimos o ver, em certo sentido, a todas as outras sensações. E o motivo está no fato de que a visão nos proporciona mais conhecimentos do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas. Os animais são naturalmente dotados de sensação; mas em alguns a sensação não nasce a memória, ao passo que em outros nasce. Por isso estes últimos são mais inteligentes e mais aptos a aprender do que os que não têm capacidade de recordar. São inteligentes, mas incapazes de aprender, todos os animais incapacitados de ouvir os sons (por exemplo a abelha e qualquer outro gênero de animal desse tipo); ao contrário, aprendem todos os que, além da memória, possuem também o sentido da audição. Aristóteles, Met. A. 980a – 980b, 25.

³⁴ *Ao que parece, duas causas, e ambas naturais geram a poesia. O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, ele é o mais imitador e, por imitação, apreende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado. Aristóteles. Poet. 1448b 5-7.*

³⁵ *A música nada mais é, pois, que a apoteose da palavra, desnudada de seu caráter lexicológico e, ao mesmo tempo que liberta da intenção representativa do verbo, aprisionada em seus próprios e intermináveis reenvios Ela não almeja as coisas do mundo; basta-se e busca-se a si mesma (E com isso nada mais faz que levar ao apogeu a abstração humana: “Não procuramos jamais as coisas, mas a procura das coisas” – Blaise Pascal. Pensées: sur la religion et sur quelques autres sujets. Paris, Luxembourg.1951). Aloja-se nas almas que, a rigor, prescindiriam das palavras: “Da mesma forma que certos seres são as últimas testemunhas de uma forma de vida que a natureza abandonou, [...] a musica [é] o exemplo único daquilo que poderia ter sido – se não tivessem tido lugar a invenção da linguagem, a formação das palavras, a análise das idéias – a comunicação das almas” (Marcel Proust. A la recherche du Temps Perdu, vol. 3: La prisonniere. Paris, Gallimard. 1988). IN. Menezes, Flo. Matemática dos Afetos: Tratado de (Re)composição Musical. EDUSP – SP. 2013.*

micênico³⁶. E é justamente a audição atenta dessas reverberações admiráveis, características e por vezes de uma dissonância incômoda e irreduzível³⁷ que nos dá a dimensão e o alcance da nascente filosofia, permitindo-nos compreender como as inovações intelectuais e lingüísticas dos pré-socráticos não prescindiram de maneira alguma de seus antecedentes históricos. A filosofia nasce como o dizer poético e reflexivo do presente, um dizer fundado na atualização da memória e em reminiscências míticas, tendo sempre em vista a palavra mântica, enigmática e oracular sobre o que será. Assim, todo amante da sabedoria, todo filósofo originário é reconhecido por um triplo discurso e um triplo conhecimento: O discurso e o conhecimento mitopoéticos que evocam a Memória; O discurso e o conhecimento especulativos, reflexivos e filosóficos do presente; e o discurso e conhecimento xamânicos e oraculares do futuro.

Todas essas reverberações que convergem passado, presente e futuro, fazem-se presentes de modo fulgurante nos versos empedocleanos. Em Empédocles observamos as interseções entre linguagem poética e épica filosófica, observamos também os limites próprios e fronteiras de uma expressão mitopoética e uma expressão filosófica. Tais interseções são indiciárias da natureza do pensamento ocidental, natureza gestada no seio da cultura grega arcaica e clássica que tinha, por sua vez, nos poemas de Homero e Hesíodo seus verdadeiros paradigmas pedagógicos e modelos excelentes de expressão. Para Empédocles, toda essa herança cultural era condição indispensável do discurso, as garantias de difusão de sua mensagem e mesmo de realização de sua épica filosófica residiam na observância dessa herança.

Na história do pensamento ocidental a tradição pré-socrática é reconhecida como aquela que inaugura um modo de conhecer e expressar o mundo através das *arkhé*³⁸. Assim, para Tales de Mileto a água é o princípio de todas as coisas³⁹, para Heráclito de Éfeso o mundo é

³⁶ Cf. Detienne e Pereira.

³⁷ A dissonância é incômoda e irreduzível, uma vez que trata-se de um contexto (dos pré-socráticos) de profunda e intensa transformação e crise dos modelos de entendimento da *polis* e do cosmo e dos modos de contemplação, especulação e investigação da *physis*.

³⁸ Princípio, realidade primeira e última das coisas. *Causa original, Realidade primeira da qual procedem as outras no universo. Essa palavra pode ter dois sentidos: Cosmológico: o Princípio é então um corpo material (pré-socráticos); Metafísico: o Princípio é então uma Realidade impessoal, que pode assumir o nome de Mônada (Pitágoras), de Uno (Parmênides, Plotino), de Essência (Platão).* Cf. GOBRY, Ivan. (CONTINUAR NOTA A PARTIR DO “LE VOCABULAIRE DES PRÉSOCRATIQUES”...).

³⁹ *Os que primeiro filosofaram majoritariamente acreditavam que os princípios de todas as coisas fossem princípios de forma material apenas. Pois aquilo de que todas as coisas que existem são compostas e aquilo a partir do que originalmente vieram a ser e aquilo em que finalmente perecerão – a substância persistindo, mas mudando em seus atributos -, isso eles afirmam que é o elemento e o princípio de todas as coisas que são [...] Pois deve haver uma ou mais naturezas a partir do qual o resto vem a ser, enquanto é preservado. Todavia, esses filósofos não são unânimes quanto ao número e a espécie desse princípio. Tales, fundador desse tipo de filosofia, diz que o princípio é a água. (Por isso afirma também que a terra flutua sobre a água), certamente*

harmonizado por um fogo eterno que ascende e apaga em medidas⁴⁰. Anaximandro não identifica a *arkhé* a nenhum elemento físico específico, mas sustenta que o princípio de todas as coisas é o *apeiron*, o ilimitado⁴¹, Anaxímenes, por sua vez, diz que a *arkhé* é o elemento ar⁴². Temos ainda o Ser parmenídico que, tal como as *arkhé* dos outros pré-platônicos, também era ingênito, incorruptível e eterno⁴³.

De fato, se consentirmos com Aristóteles de que Tales foi o fundador da filosofia como investigação da *physis* a partir da *arkhé*, saltará aos olhos em uma primeira leitura a afirmação de que a água, o elemento físico, é origem de todas as coisas. Como poderá um elemento físico, constituinte das realidades materiais múltiplas, ser o princípio e fundamento originário da totalidade do real? É necessário, contudo, pensar o estatuto da *arkhé* e da *physis*

*tirando essa convicção da constatação de que o alimento de todas as coisas é úmido, e que mesmo o calor se gera do úmido e vive do úmido (ora, aquilo de que todas as coisas se geram é o princípio de todas as coisas) – tirando essa ideia de sua consideração e também porque a semente de todas as coisas tem uma natureza úmida; e a água é o princípio da natureza das coisas úmidas. Alguns acreditam que os mais antigos, que primeiro especularam sobre os deuses, tinham essa ideia a respeito da natureza também. Pois eles afirmaram que o Oceano e Tétis eram os pais do vir a ser e fizeram da água, que os poetas chamavam Styx, o voto pelo qual juravam os deuses. O mais antigo é o mais honrado, e o mais honrado é aquilo pelo que se costuma jurar. (Aristóteles, *Metafísica* 1.3 938 6-33 = DK11A12) IN MCKIRAHAN, D. p.71-73*

⁴⁰ *Deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, superabundância fome; mas ele assume formas variadas, do mesmo modo que o fogo, quando misturado a aromatas, é denominado segundo os perfumes de cada um deles. (DK22B 67: HIPÓLITO, Refutação, IX, 10). Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas. (DK22 B30: CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Tapeçarias*, V, 105).*

⁴¹ *Entre aqueles que afirmam que a “arkhé” é uma movente e “apeiron”, Anaximandro [...] disse que o “apeiron” era a “arkhé” e o elemento das coisas que são, e foi o primeiro a introduzir esse nome para a “arkhé” [isto é, foi o primeiro a dizer que a “arkhé” era “apeiron”]. (Acresce que disse ainda que o movimento é eterno, no qual se dá o vir a ser dos céus.) Ele afirma que a “arkhé” não é nem a água nem nenhuma das outras coisas chamadas de elementos, mas sim outra natureza que é “apeiron”, a partir da qual vem a ser os céus e o mundo nele contido. Isso é eterno e atemporal, e envolve todos os mundos. (Simplicio, *Comentário à Física de Aristóteles* 24.13-18=DK12A9; Hipólito, *Refutação* 1.6.1-2=DK12A11; Pseudo-Plutarco, *Stromata* 2=DK12A10). IN MCKIRAHAN, D.*

⁴² *Anaxímenes [...] como Anaximandro, declara que a natureza reza subjacente é uma ilimitada [apeiron], mas não indeterminada, como Anaximandro sustentava, antes definida, afirmando que se trata do ar. Ela difere em raridade e em densidade segundo as substâncias <em que se torna>. Ao se tornar mais rarefeita, torna-se fogo; sendo condensada, torna-se vento, então nuvem, e quando ainda mais condensada, torna-se água, então terra, e a seguir, rochas, e o resto vem a ser a partir desses. Ele também faz do movimento algo eterno e afirma que a mudança vem a ser através dele. (Teofrasto, citado por Simplicio, *comentário à Física de Aristóteles* 24.26-25.1=DK13A5). Anaxímenes determinou que o ar é um deus e que vem a ser e é sem limite, infinito, e sempre em movimento. (Cícero, *Sobre a natureza dos deuses* 1.10.26=DK13A10). IN MCKIRAHAN, D.*

⁴³ *Apenas um relato de um caminho ainda resta: que “é”. Sobre ele [o caminho] há muitos sinais de que o que é, é não gerado e imperecível, inteiro, único, constante e completo. Nem nunca foi, nem será pois que é agora inteiramente uno, coeso: que nascimento investigarás para isso? Como e a partir do que teria crescido? Não permitirei nem que digas nem que penses “do que não é”: pois “não é” não deve ser dito ou pensado. Que necessidade teria incitado, mais cedo ou mais tarde, a crescer, tendo começado a partir do nada? Assim, é correto ou ser plenamente, ou não. Nem a força da convicção jamais há de impelir nada a vir a ser a seu lado a partir do que não é. Por tal razão, a justiça não permite nem vir a ser, nem perecer, afrouxando-lhes os laços, se não que ela [Justiça] o mantém. E a decisão sobre tais coisas jaz nisto: É, ou não é; e já foi decidido, como necessário, deixar um [caminho] impensado e inominado (pois não é um caminho realmente) de modo que o outro caminho é e é genuíno. Mas como pode o que é ser daqui por diante? Como pode vir a ser? Pois, se veio a ser, não é, nem mesmo se alguma vez virá a ser. Assim é a geração extinta, e o perecer não pode ser investigado (...) DK28B8, 1-21. IN MCKIRAHAN*

no contexto pré-socrático. Para não trair a polissemia do termo, é importante notar que a identificação da filosofia pré-socrática, bem como de toda sua especulação e investigação científicas, com a problemática das *arkhé* e da *physis* é permeada de uma leitura aristotélica. Segundo Mckirahan⁴⁴, para os propósitos da filosofia aristotélica os pré-socráticos tinham um único problema em vista, a saber, a matéria constitutiva de todas as coisas que são. Ainda que Aristóteles não negasse que os pré-socráticos estavam empenhados na descrição e compreensão de diversos processos e problemas específicos, é de se notar que o estagirita não procura oferecer um relatório preciso da filosofia mais antiga, mas usa aquelas teorias “como interlocutoras em um debate artificial que ele prepara para que conduza “inevitavelmente” às suas próprias conclusões”. Outra característica da leitura aristotélica que pode dificultar uma interpretação mais abrangente e menos anacrônica dos pré-socráticos é o fato de que, no sistema aristotélico, a divisão da natureza dá-se entre matéria e forma, seguindo um embate tipicamente platônico entre o sensível e o inteligível. Nessa perspectiva, Platão faria oposição aos pré-socráticos, propugnando pela “causa formal”.

Em todos esses chamados pensadores originários⁴⁵ a verdade filosófica era expressa através do uso de um *lógos* (palavra), que tinha como propósito pensar reflexivamente, usar a razão especulativa e expressar através da linguagem o cosmos, a *pólis* e a *physis*. Ocorre que, em todos estes pensadores citados acima, a *arkhé* era atribuída somente a um elemento ou potência, simultaneamente material e divina. A partir de filósofos como Empédocles de Agrigento a unidade de *arkhé* dá lugar a uma pluralidade de elementos, raízes e forças que fundamentam integralmente a realidade.

Em verdade o termo utilizado por Empédocles é raízes (*rizómata* / *ρίζώματα*) e não elementos (*stoichéia* / *στοιχεία*), termo utilizado por Aristóteles. Segundo o fragmento **DK31B6**, temos: Zeus = Fogo; Hera = Ar; Edoneu = Terra; Néstis = Água. Tal identificação segue uma tradição de linguagem mito-poética arcaica, que não diferenciava nomes abstratos de nomes de divindades. A palavra assemelhava-se a manifestação divina. Uma vez que “Tudo está pleno de deuses”, para cada fenômeno, seja ele de que ordem for, há sempre uma divindade em sua origem e que o condiciona integralmente. Ao utilizar o termo “elementos” para referir-se àquilo que Empédocles identificou com divindades, Aristóteles promove uma

⁴⁴ Cf. Bibliografia.

⁴⁵ Com a expressão “pensadores originários” referimo-nos a tradição pré-socrática. Aqui também recordando (e não necessariamente concordando) uma leitura de Olof Gigon, segundo a qual a filosofia começaria com Hesíodo, responsável por realizar um liame entre as formas mito-poéticas e lógico-filosóficas de experiência e reflexão gregas. Ou ainda, lembrando a interpretação de Adorno e Horkheimer em *A Dialética do Esclarecimento*, os quais pretendem tomar Homero como um precursor da razão ocidental, desmitificada, emancipada, autônoma e esclarecida. Ver notas 6 e ...

transformação (ou traição) semântica que acaba por facilitar a redução das raízes a simples corporeidade, “causas materiais”. Essa mudança terminológica também possibilita uma interpretação mecanicista ou atomista das raízes de Empédocles, como se este fosse mais um cientista-fisiólogo que um poeta e filósofo taumaturgo, preterindo, de algum modo, as reminiscências e analogias míticas, a herança órfico-pitagórica e a dimensão cosmogônica da narrativa poética de Empédocles em função dos propósitos aristotélicos de criar uma ciência das causas e dos princípios da substância. Aristóteles indica-nos⁴⁶ o movimento que ele realiza ao nomear e classificar Empédocles dentro da arte poética. Esse movimento acaba por favorecer uma leitura “científica” de Empédocles em detrimento de seus aspectos mítico, místico e cosmogônico.

DK31B6. AECIO, 2, 3; SEXTO EMPÍRICO, X, 325.

Pois as quatro raízes de todas (as coisas) houve primeiro: Zeus brilhante e Hera portadora de vida, Aidoneus e Nestis, que de lágrimas umedece fonte mortal.

DK31B38. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, Tapeçarias, V, 48.

Pois bem, eu te direi primeiro os iguais em princípio, dos quais nasceram claras as (coisas) que agora vemos todas, terra e também mar de muitas ondas, e úmido ar, e Titã éter que envolve em círculo todas as coisas.

DK31A71. SIMPLÍCIO, Do céu, 529, 28.

Mas se sobre estas (coisas) era falha tua certeza, como é que de água, de terra, de éter e de sol misturados nasceram formas e cores de mortais (coisas), tantas quantas agora existem conjugadas por Afrodite...

DK31A98. SIMPLÍCIO, Física, 32, 3.

Mas a terra com estes quase igual encontrou-se, com Hefesto, com chuva e com éter resplendente, de Cipris ancorando nos perfeitos portos, quer um pouco maior, quer entre maiores menor; destes sangue nasceu e várias espécies de carne.

DK31B109. ARISTÓTELES, Da Alma, I, 2. 404 b 8.

Pois com terra vemos terra, com água vemos água, com éter divino, e com fogo aniquilante, afeição com afeição, e ódio com ódio lúgubre.

⁴⁶ Diz Aristóteles: *Desta maneira, se alguém compuser em verso um tratado de Medicina ou de Física, esse será vulgarmente chamado “poeta”; na verdade, porém, nada há de comum entre Homero e Empédocles, a não ser a metrificação: aquele merece o nome de “poeta”, e este, o de “fisiólogo”, mais que o de poeta.* Poet. 1447b, 16-21.

O problema do movimento e da permanência, do devir e do ser passa a ser entendido como um processo contínuo envolvendo as quatro raízes fundamentais da cosmologia empedocleana. As quatro raízes básicas da realidade são manifestações de um processo cósmico que opera a partir de dois pares de qualidades físicas, qualidades que já podemos observar, de algum modo, nos fragmentos de outros pré-socráticos, a saber, o seco e o úmido, o quente e o frio. A intensificação ou enfraquecimento, a conjunção ou disjunção dessas qualidades determinam as misturas dos elementos básicos que compõem a realidade. A predominância de uma das raízes é sempre episódica e depende do permanente movimento de condensação ou rarefação, conjunção ou disjunção, aproximação ou distanciamento, Amor ou Discórdia que regulam e justificam todo movimento que constitui a natureza.

DK31B8. PLUTARCO, Contra Colotes, 10.

Outra te direi: não há criação de nenhuma dentre todas (as coisas) mortais, nem algum fim em destruidora morte, mas somente mistura e dissociação das (coisas) misturadas é o que é, e criação isto se denomina entre homens.

DK31B9. PLUTARCO, Contra Colotes, 22.

Mas eles quando em forma de homem misturados à luz chegam, ou em espécie de animais selvagens, ou de plantas, ou de pássaros, então isto dizem que se gerou, e quando se separam, então que houve infausta morte; o que justiça não chamam, por costume falo também eu.

Essa mudança de perspectiva visava encontrar soluções para os problemas do ser-devir e movimento-permanência. Além da água, do fogo e do ar que já eram reconhecidos nos pensamentos de Thales, Heráclito e Anaxímenes, respectivamente, Empédocles, por sua vez, acrescenta o elemento Terra. A historiografia⁴⁷ apresenta-nos, então, uma distinção entre aqueles primeiros pré-socráticos chamados de monistas e os pluralistas, com figuras como Empédocles, Anaxágoras e Demócrito de Abdera, pertencentes à escola neojônica ou pós-parmenídica.

É importante também lembrar que, não obstante essa distinção entre monistas e pluralistas, distinção mais aristotélica que propriamente pré-socrática⁴⁸, a tradição dos primeiros filósofos não se mostra de modo cronologicamente linear, tão pouco cabe em sistematizações

⁴⁷ (Casertano... INSERIR OUTRAS FONTES...)

⁴⁸ A interpretação na qual parte da tradição pré-socrática é monista e parte é pluralista tem suas origens nas perspectivas metafísica e teleológica aristotélicas. A busca científica pelas causas primeiras empreendida por Aristóteles pressupõe que os princípios, a *arkhé* dos pré-socráticos, sejam idênticas a elementos que constituem ontologicamente e de modo mecânico a realidade. Esses pressupostos aristotélicos acabam por negligenciar a dimensão cosmogônica da épica-filosófica de Empédocles. Cf. nota 33.

e estruturas conceituais que denotem um sentido moderno de evolução e progresso do pensamento. De fato, temos em plena época dita “monista”, os primeiros representantes da escola pitagórica que apresentam posições que poderíamos chamar “pluralistas”. Para os pitagóricos o princípio passa a ser atribuído ao número e a seus elementos constitutivos (Ilimitado/Limitado). A realidade para os pitagóricos é constituída, gerada e expressa numericamente. A natureza (*physis*) e tudo que nela está contido, os corpos esféricos⁴⁹ celestes, os elementos físicos, a substância das coisas, as regularidades e irregularidades do mundo, tudo pode ser conhecido e manifestado através do exercício científico, das relações matemáticas. Entre os pitagóricos, assim como o *lógos*, o número e seus elementos constitutivos (Ilimitado/Limitado) agiam a partir de medidas e leis, eram modos de expressar a semelhança, o movimento e a multiplicidade dos fenômenos, eram escalas que denotavam a polifonia do cosmo e a harmonia em uníssono de *physis* e *nómos*, cosmo e *pólis*.

Enquanto o *lógos* pitagórico matematizava a natureza e o cosmo através de escalas que denotavam a harmonia subjacente ao real, o *lógos* filosófico-poético de Empédocles, por sua vez, intuía as reverberações míticas em sua dimensão cognitiva e instauradora do real. Uma intuição intelectual que se manifestava através de um movimento de purificação da linguagem e do conhecimento em vista do retorno à condição perdida de divindade imortal, um processo de decantação da metáfora ao que viria a ser o conceito filosófico. Os pitagóricos estavam, talvez, mais próximos daquilo que viria a ser o conceito filosófico que nos dá acesso lógico e sistemático ao mundo, por outro lado, a narrativa empedocleana estava mais próxima da linguagem poética, aquela que instaura um horizonte⁵⁰ mítico que possibilita-nos imaginar e conceber um mundo no qual habitamos e uma *physis* que nos engendra e é indiciária do Uno, indivisível e eterno.

TERCEIRO CAPÍTULO

Ao se deparar com a espantosa profusão de vida que o exortava a agir, o filósofo, o pensador da *physis* e do *nómos*, valia-se de todo um conjunto de noções sobre as divindades e narrativas míticas que diziam sobre o maravilhoso (*thaumázein*⁵¹), e técnicas para proceder

⁴⁹ (SPHAIROS EM EMPÉDOCLES FRG. 17, 29, 134...)

⁵⁰ *Orismos* (INSERIR FRAGMENTO COM A PALAVRA...)

⁵¹ **MET, A 2, 982b – ARISTÓTELES.** *De fato os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; e, seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou s problemas relativos à geração de todo o universo. Ora, quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe; e é por*

de maneira mais adequada e eficaz perante o mundo que emanava sentidos de realidade. Não obstante todo o legado da imensa capacidade especulativa e teórica dos pré-socráticos, a busca metódica, sistemática e teleológica por definições e conceitos não era um critério da filosofia realizada pelos pensadores originários antes de Sócrates e da tradição sofística. A realidade ainda era entendida de modo unívoco, os dualismos matéria-forma, corpo-alma, necessidade-contingência, natureza-cultura, dualismos que embasam as disciplinas científicas e que por vezes mostram-se tão caros à nossa razão moderna e ocidental, tudo isso ainda estava em vias de se estabelecer. Pensamento e discursos míticos e poéticos, religiosos e filosóficos ainda apresentavam-se de modo difuso ou, melhor dizendo, unívoco no contexto da nascente filosofia. Os limites da expressão mítica diante da expressão propriamente filosófica mostravam-se ainda muito incipientes, inexistentes, inapropriados ou até mesmo absurdos, na mentalidade do homem grego.

Assim, os vislumbres ambíguos e reminiscências enigmáticas⁵² do mito, e o pensamento conceitual, demonstrativo e dialógico, característico do *lógos* filosófico, estavam em vias de

isso que também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo: o mito, com efeito, é constituído por um conjunto de coisas admiráveis. De modo que, se os homens filosofaram para libertar-se da ignorância, é evidente que buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática.

TEETETO, 155d, PLATÃO. *Estou vendo, amigo, que Teodoro não ajuizou erradamente tua natureza, pois a admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a filosofia. Ao que parece, não foi mau genealogista quem disse que Íris era filha de Taumante (...). Platão e Aristóteles, os dois maiores representantes da Filosofia, herdeiros não só de Sócrates, mas também das tradições mito-poética e pré-socrática, destacaram o valor do mito (*μυθος*) e da admiração (*θαυμάζειν*) na origem e no desenvolvimento da filosofia, como modo de vida e conduta própria do homem amante da sabedoria. A disciplina filosófica originária, além de um exercício rigoroso da palavra, do pensamento especulativo e reflexivo, é um modo de vida tipicamente grego, sobretudo no Período Clássico com as exortações socráticas e sofísticas. Esse modo de vida conduzia o ser humano a agir diante da admiração, do assombro, do encantamento que o mundo e a natureza, a *φύσις* e o *κόσμος* impunham à experiência e aos sentidos (*empeiria* e *aísthesis*), também levava igualmente o homem a viabilizar e buscar soluções para os conflitos (*πόλεμος*) e crises (*κρίσις*) da vida em sociedade, esta, por sua vez, entendida como um “micro κόσμος” no seio da pólis.*

⁵² ... Homero interrogou o deus para saber quem eram seus pais e qual era sua pátria, e o deus assim respondeu: A ilha de Íos é a pátria de tua mãe, e essa ilha te acolherá morto, mas previne-te contra enigmas de jovens. ... tendo chegado a Íos. Lá, sentado sobre um rochedo, viu alguns pescadores que se aproximavam da praia e lhes perguntou se haviam pescado algo. Eles, visto que nada haviam pescado, mas catavam piolhos por causa da falta do pescado, disseram: O que pegamos, deixamos, o que não pegamos levamos, aludindo com esse enigma ao fato de que os piolhos que haviam colhido eles os haviam matado e deixado cair, e os piolhos que não haviam colhido, eles os levavam nas roupas. Homero, não tendo sido capaz de resolver o enigma, morreu de desalento. **Aristóteles, Sobre os poetas, frag. 8. Colli, G. 7 [A 11]. p. 329-330.**

*De fato, a natureza do enigma é essa: ao dizer coisas reais, acrescentar coisas impossíveis. Pois bem, segundo a conexão dos nomes, não é possível fazer isto, mas, segundo a metáfora, é possível, por exemplo: “Vi um homem que como o fogo colava bronze sobre um homem”. **Aristóteles, Poética 1458 a 26-30. Colli, G. 7 [A 27]. p. 338.***

*Aqueles que instituíram para nós os mistérios não foram homens de pouca conta, mas realmente se expressaram há muito tempo por enigmas, indicando que quem foi privado da iniciação e não participou dos mistérios, quando chega ao Hades jazerá na lama, enquanto aquele que se purificou e foi iniciado nos mistérios, tendo chegado lá em baixo, viverá com os deuses. De fato, como dizem aqueles que instituíram os mistérios, “aqueles que levam o tirso são muitos, mas poucos os possuídos por Dioniso”. **Platão, Fédon 69 d-c. Colli, G. 7 [A 21]. p. 334-335.***

constituir-se como âmbitos radicalmente distintos do pensamento. E, em realidade, tal distinção apresenta-se quase sempre como um recurso anacrônico e deficitário para se entender a Grécia arcaica e clássica. Por outro lado, em uma pequena digressão é possível questionar-se: será que essa mesma distinção alcançou, de fato, sua plenitude em nossos dias, por mais radical e penetrante que ela tenha se revelado ao longo da história do pensamento? Quais os reais e atuais limites e liames entre os âmbitos da filosofia e do mito propriamente ditos?

Bem, questões como essas não soam tão extemporâneas se pensarmos que diversos e emblemáticos filósofos, cientistas e artistas, da antiguidade tardia até a modernidade, valeram-se do inesgotável manancial teórico, especulativo e poético pré-socrático, raiz dos maiores paradigmas do mundo ocidental, fonte das mais profundas intuições intelectuais, ponto de interseção entre os períodos arcaico e clássico, entre *mythos* e *lógos*, contraponto harmônico entre a música dos deuses e a palavra humana.

O valor dos pensadores originários para a filosofia é revelado através da efetivação de dois fenômenos: a palavra (*lógos*), no contexto mitopoético e da *pólis*; e a memória (*Mnemosine*⁵³), como condição de todo conhecimento. A preeminência da palavra, bem como seu uso reflexivo em direção a uma maior autonomia do homem através da linguagem, sobre todas as outras convenções ou instrumentos de poder, é o que caracteriza o homem grego arcaico e clássico.

Daqui deriva a lei que eleva o gênero dos profetas a intérpretes das adivinhações inspiradas pelo deus. A esses profetas, alguns os chamavam adivinhos, ignorando totalmente que eles são intérpretes das palavras pronunciadas mediante enigmas e daquelas imagens, mas em nada adivinhos. O mais justo é chama-los profetas, isto é, intérpretes daquilo que foi adivinhado. Platão, Timeu 72 a-b. Colli, G. 7 [A 25]. p. 337.

⁵³ Em um contexto onde “tudo está cheio de deuses”, onde a presença divina instaura o real e é condição necessária de toda palavra digna de ser ouvida e proferida, Empédocles (em **DK31B3**) pede aos deuses que lhe previna contra a loucura de palavras mortais, e roga à musa, filha de *Mnemosine*, que lhe conceda a dádiva de ouvir seu canto divino. Portanto, tudo o que é concedido à Empédocles ouvir está garantido e traz consigo a presença de *Mnemosine*. **DK31B3. SEXTO EMPÍRICO, Contra os Matemáticos, VII, 124.** *Mas vós, deuses, a loucura destas (coisas) afastai-me da língua e de santificados lábios deixai correr pura fonte. E a ti, de muita memória, de alvos braços, ó virgem Musa, eu te peço, do que é lícito a efêmeros ouvir envia, do reino de Piedade trazendo, o dócil carro. Nem te será forçado flores de bem acolhida honra de mortais receber, e além da santa (ordem?) falar com audácia — e então nos cimos do saber tomar assento. Mas vai, atenta com todo manejo¹⁰⁴ por onde (é) clara cada (coisa); nem tendo alguma vista confia mais que por ouvido; ou no ouvir ressoante mais que no claro gosto da língua; nem dos outros membros, por onde (é) caminho ao pensar, retira a confiança, mas pensa por onde (é) clara cada (coisa).*

A propósito da antiguidade e da relevância de *Mnemosine*: **4 [A62] – Pugliese-Carrateli 1974, 108 – 113, 117-126. Colli, G. p. 168.** *De Mnemosine é este sepulcro. Quando couber a ti morrer irás às casas bem construídas de Hades. Lá, à direita, há uma fonte, ao lado dela branco cipreste ereto, lá descendo se resfriam as almas dos mortos. A fonte não chegou nem muito próximo; e diante dela encontrarás fria água que escorre do pântano de Mnemosine, e acima estão os guardiões, que te perguntarão em seu denso coração o que vinhas procurando nas trevas do Hades ruinoso; Diz a eles: Sou filho de Bareas e de Urano estrelado, queimo de sede e morro, mas dai-me, rápido, a fria água que escorre do pântano de Mnemosine. E certamente mostrarão benevolência por desejo do rei dos inferos, e certamente te deixarão beber do pântano de Mnemosine, e por fim caminharás muito, pela sagrada via que percorrem gloriosos também outros iniciados e possuídos por Dioniso.*

No contexto dos poetas, aedos e rapsodos (com Homero - onde nasce, para o pensamento ocidental, uma moral aristocrática – e Hesíodo – que inaugura, também no âmbito do nascente pensamento ocidental, uma ética campesina do trabalho e da *tékhnē*) tínhamos a palavra revelada, oracular, ambígua, enigmática e divina, cuja eficácia era expressa de modo vertical e absoluto, sem interlocução. A dimensão imagética, fantasiosa e emocional da poesia e da verdade revelada pela palavra mitopoética não se submetia, não era inferior, nem estava em função da enunciação do pensamento reflexivo, da *hermeneia*, da argumentação ou de qualquer questionamento de sua eficácia absoluta enquanto instauradora do real.

Já no contexto da nascente *polis* (séc. VIII-VI a.C), a palavra começa a exercer uma função mais discursiva, cada vez mais o exercício dialógico, o pensamento reflexivo e a força divina da persuasão (*peithós* - ainda que, em sua função ritualística, distinta da eficácia da palavra mito poética) passam a ser preponderantes para o entendimento da *arqué*, da *ousía*, da *physis* e do cosmos. Entre os pensadores originários, Empédocles de Agrigento é emblemático no que diz respeito ao advento do diálogo como modo de compreender e ser no mundo. Para Empédocles a verdade habita no diálogo, e a partir dele os fundamentos linguísticos da democracia começam a ganhar forma. E mesmo entre os fragmentos dos primeiros pensadores, tais como Parmênides de Eléia e Heráclito de Éfeso, aos quais não podemos atribuir e observar a presença do interlocutor, aquele que possibilita o diálogo, podemos constatar, contudo, um marco da nascente filosofia, a saber, uma progressiva distinção entre a eficácia instauradora do real, o caráter emotivo e ambíguo da palavra mito-poética e, por outro lado, a crise, o conflito, a identidade e a diferença, a contradição e a *dianóia* como elementos linguísticos próprios da verdade filosófica.

Para um grego do fim do período arcaico como Empédocles, a expressão mitopoética da admiração original (*θαυμάζειν*), o assombro diante da *physis*, do *kósmos* e da condição humana, é resultado da memória permanente de suas origens míticas e religiosas. Esse assombro, essa admiração original acompanha um impulso cognitivo imanente, uma vontade afirmadora da vida que nos faz conceber o real, tornando necessárias a existência e o conhecimento do mundo e no mundo. Há um impulso cognitivo uma vez que a *phren* vibra e pulsa no peito (*thymos*) afetando e movendo a mente (*nous*). O movimento intelectual, assim, apresenta-se como afeto que determina um impulso de agir e condiciona o ser no mundo. Não se trata, portanto de negar a ação dos sentidos, mas de utiliza-los adequadamente na medida em que eles constituem um imperativo da cognição dos mortais. Há também imanência, dado que a inteligência é comum a todos os seres e um corolário dos deuses, exatamente pelo fato dela mesmo, enquanto inteligência (*phren* e *nous*) ser divina.

DK31B103. SIMPLÍCIO, Física, 331,10.

Assim por querer de Fortuna todos (os seres) têm pensamento...

DK31B 106. ARISTÓTELES, Da Alma, III, 4. 427 a 21.

De acordo com o presente inteligência cresce nos homens.

DK31B89. PLUTARCO, Questões Físicas, 19 p. 916 D.

Sabendo que de quantas (coisas) nasceram há emanações.

DK31B15. PLUTARCO, Contra Colotes, 12, p. 1113 d.

Um homem sábio em tais (coisas) no peito não adivinharia que só enquanto vivem, o que assim chamam de vida, eles são, e presentes lhes (são coisas) más e boas, e antes que se fixaram mortais e quando dissolvidos, não são.

DK31B110. HIPÓLITO, Refutação, VII, 29.

Pois se, sob entranhas cerradas tendo-as firmado, bem disposto as contemplares com puros cuidados, estas (coisas) serão todas para ti pela vida presentes, e outras muitas a partir delas terás; pois de si mesmas crescem estas, cada uma ao (seu) modo, por onde é natureza de cada. Mas se a (coisas) alheias aspirares, quais entre os homens aos milhares se encontram, misérias que embotam seus cuidados, bem logo elas te deixarão revolvendo-se o tempo, à sua própria amiga origem desejando voltar; pois todas, sabe, têm consciência e de pensamento partilham.

DK31B105. PORFÍRIO, Do Estige, em ESTOBEU, Éclogas, 1, 49, 53 p. 424.

Nutrido em mares de sangue que contra se precipita, e por onde mais se chama pensamento para os homens; pois sangue em volta do coração dos homens é pensamento.

A expressão poética do mito é o império onírico da vontade afirmadora da vida enquanto movimento e permanência, a filosofia, por outro lado, é o reino lógico-conceitual e imagético da vontade de entender a vida como movimento e permanência. Mesmo que no contexto mitopoético, de Homero e Hesíodo, não possamos falar de vontade com toda carga de “subjetivação”, “emancipação ou autonomia” que esta palavra receberá em outros contextos⁵⁴, ainda assim, podemos dizer que a vontade é o elemento comum ao pensamento mítico e ao pensamento filosófico.

⁵⁴ Esse processo de “subjetivação” talvez tenha encontrado seu ápice na modernidade, notadamente a partir das perspectivas de autores engajados ou ligados de alguma forma a um projeto Iluminista. O programa do esclarecimento que defende um desencantamento do mundo e que tem como meta dissolver os mitos, substituindo a imaginação pelo saber. *Sapere Aude*, esse era o lema difundido por Kant como sendo a síntese e a apologia maior do espírito esclarecido. Ocorre que essa apologia da ousadia de conhecer, somada a um sentido de liberdade como desmedida iconoclasta e imprudência cientificista, típicas de nossos tempos, tudo isso

A expressão poética é portadora e transmissora dessa vontade. A vontade, nesse contexto dos poetas e dos primeiros pensadores da *physis*, começa a aproximar-se dos sentidos que a caracterizarão dentro da filosofia, ou seja, vontade enquanto deliberação da alma ou, na formulação aristotélica, vontade como fenômeno intermediário entre a necessidade e a contingência, vontade enquanto manifestação anímica e material de tudo aquilo que está em nosso poder, os âmbitos da *práxis* e da *poíeses*, as ações éticas, políticas e produtivas. Tanto o mito, quanto a poesia e a filosofia são manifestações dessa vontade vital e desse impulso imanente.

QUARTO CAPÍTULO

Mesmo com as proximidades entre poesia e filosofia, entre o pensar mítico e o pensar filosófico permanecem os limites da linguagem e da palavra (*lógos*), seja ela revelação ou elemento próprio da *dianóia*⁵⁵, do *lógos* discursivo. E talvez seja justamente diante dos limites da linguagem e da palavra que a intuição intelectual e artística, na forma de poesia, revela seu valor comum entre o amante do mito e o filósofo (o *φιλόμευθος* e *οφιλόσοφος*). A linguagem poética de Empédocles nos mostra constantemente que talvez seja na própria dimensão limitada, finita e mortal do *lógos*, da palavra, da narrativa e do discurso, que resida, fundamentalmente, o impulso cognitivo ilimitado, eterno e imortal do *lógos*, da razão.

O som e o sentido, o significado e o silêncio, todos convergem no fazer poético, constituindo a intuição intelectual manifestada. A poesia épica arcaica é essa manifestação simultaneamente musical e filosófica, é a expressão da inefável conjunção e identidade entre o produto da medida humana e a expressão divina, onírica, imagética, ambígua e enigmática da imponderabilidade da natureza – *physis*). A linguagem poética como expressão mítica é inefável dado os limites próprios do *nôus* diante do saber ilimitado dos deuses. Acerca dos

culminou na negligência ou omissão diante do próprio potencial emancipatório do esclarecimento. O esclarecimento que, segundo Kant, deveria redimir e promover a purificação da humanidade das trevas da ignorância, falhou justamente na medida em que deixou de ouvir as reverberações emancipatórias de seu tempo e lançar luz sobre o potencial cognitivo e libertador da imaginação e do mito. Assim, com a reificação da razão instrumental condenamo-nos a uma amnésia de nós mesmos e do mundo. A memória e a audição, condições de todo conhecimento desde o período arcaico, são preteridas em função de uma racionalidade absoluta. O endeusamento da razão instrumental ou a regressão do esclarecimento à ideologia acaba por promover um esquecimento da dimensão filosófica do mito.

⁵⁵ *Dianóia*: Esse termo tem sentido vago; indica habitualmente um modo de pensamento menos elevado que a *noésis*. Classicamente, a *dianóia* é o conhecimento discursivo, por raciocínio. Assim, em Platão, ela é o grau inferior da ciência, que recorre a conceitos em vez de contemplar diretamente as Essências (v. *dialektiké, psykhé*); em Aristóteles, ela é pensamento raciocinante (*Met.*, Γ, 7, 1012^a). Em Plotino é conhecimento indireto (V, III, 3). GOBRY, Ivan. (INSERIR NOTA 129 DO DE ANIMA...)

limites do entendimento humano e da inefabilidade e imortalidade do saber divino, atestamos os fragmentos de Empédocles:

DK31B134. AMÔNIO, Comentário à Da Interpretação, 249,1.

Pois nem com humana cabeça ligada em membros avulta, nem a partir de um dorso dois ramos irrompem, nem pés, nem ágeis joelhos, nem vergonhas peludas, mas peito sagrado e inefável ele se volve só, em pensamentos pelo mundo todo lançando-se, ágeis.

DK31B2. SEXTO EMPÍRICO, Contra os Matemáticos, VII, 122.

Pois bem estreitas mãos por membros estão difusas; e muitas são misérias que embatem, e embotam cogitações. E breve parte de vida em suas vidas tendo visto, logo mortos, como fumaça erguidos, se dissipam, apenas convencidos do que encontrou cada um, a tudo impelidos, e o todo se orgulha de ter descoberto; assim nem são visíveis estas (coisas) a homem nem audíveis nem por mente apreensíveis. Tu então, pois assim te retiraste, aprenderás não mais do que mortal inteligência viu.

Se a filosofia é o exercício do pensamento reflexivo e especulativo que visa o absoluto, o eterno e a universalidade através da linguagem e da palavra, a poesia é, então, a mais filosófica das artes. Uma vez que é nela que a linguagem logra sua significação mais pura e universal⁵⁶, afastando-se do âmbito do meramente possível e fazendo sentir a Necessidade (*ananké*⁵⁷) da Natureza (*physis*). A linguagem poética faz, assim, sentir tal como num impulso, numa intuição artística, num abissal e efêmero mergulho na memória, razão e imaginação. A poesia faz sentir como num instante obscuramente fugaz, inconsciente e incomensurável, sentir como em uma memória do futuro, uma lembrança de uma melodia ou consonância que nunca se ouviu. Esse instante sensório-poético, lampejo de intuição estética

⁵⁶ A propósito da universalidade da poesia atesta-nos Aristóteles: *Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso e prosa (pois que bem poderiam ser postas em versos as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as coisas que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular. Aristóteles. Poet. 1451 a, 39 -1451b, 6.*

⁵⁷ **DK31B115. HIPOLITO, Refutação, VII, 29; PLOTINO, Enéadas, IV, 8,1.** *É de Necessidade oráculo, de deuses antigo decreto, eterno, bem selado com amplos juramentos: quando um, por loucura, com sangue amigos membros manchou, e por ódio o que um falso juramento tenha feito, demônios que tiveram de partilha uma longa vida, dez mil estações eles longe dos abençoados erram, nascendo pelo tempo em toda espécie de formas de mortais, que penosos caminhos de vida permutam entre si. Pois força de éter os persegue em direção de mar e mar em solo de terra os vomitou, e terra em raios de sol luminoso, e este os atirou em turbilhões de éter; outro de outro os recebe, e os odeiam todos. Destes também eu agora sou, dos deuses banido, errante, em furioso ódio tendo confiado.*

e intelectual, é o mais próximo que podemos chegar de um ordenamento imemorial, de uma expressão da admiração original e de uma dimensão da pura necessidade.

A linguagem poética de Empédocles é movida pelo canto das musas que trazem em si as reverberações de *Mnemosine*. Os versos empedocleanos convocam a palavra e a memória míticas que, em sua função epistêmica, possibilitam a conscientização de que a história consiste em um registro do passado, uma cristalização imagética e rítmica do tempo. E não obstante – ou precisamente por isso mesmo - esta cristalização do tempo operada pela história apresenta-se como movimento permanente de atualização. Esta atualização implica uma conjunção constante entre traços do passado e perspectivas de futuros, como elementos de presentificação do real. A palavra (*mythos* e *lógos*) nesse contexto pré-socrático é antes de tudo um gesto, um hábito e uma conduta própria do ser humano que permanece contemporâneo de todos os tempos na medida em que se reconhece como produto de seu próprio tempo.

Empédocles pertence a um contexto onde *mythos* e *lógos* não somente possuem a mesma raiz etimológica, mas apresentam-se quase como sinônimos. Ainda não há o entendimento de *mythos* e *lógos* como palavra com funções distintas, histórica e filosófica, respectivamente. Ambos, *mythos* e *logos*, apresentam-se como conhecimento e linguagem capazes de expressar e manifestar o cosmos e a *physis*. A distinção entre o mito como sinônimo de história ou estória e o *lógos* como expressão filosófica ocorre ao longo de uma mudança do estatuto das divindades na cultura grega. De modo que, não é o propósito desse trabalho, tão pouco parece ser coerente com o contexto pré-platônico onde “tudo está cheio de deuses”, salientar uma dicotomia entre *lógos* e *mythos* ou entre lado racional e não-racional. Portanto, o mito e o *lógos* são, acima de tudo, linguagem e conhecimento. E antes que venham a ser classificados quanto aos seus graus de racionalização, há uma dimensão cognitiva mais ampla que os engendra, e é exatamente a amplidão dessa dimensão cognitiva que Empédocles visa ao compor sua épica filosófica em estilo poético.

Faz-se necessário, para uma melhor compreensão da dimensão cognitiva do mito, ter em mente a complementaridade da dupla acepção mítica: de um lado, o mito como experiência original (*Θαυμάζειν*); de outro lado, simultaneamente e como corolário, o mito como reminiscência histórica (portanto cronológica) e Memória (*Mnemosine*). Se por um lado a experiência mítica é responsável pela atualização das reminiscências de um assombro original, por outro lado, o mito como Memória instaura um horizonte imaginário e virtual que possibilita-nos conceber um mundo a partir de tempo e espaço inexistentes. Assim, seja como experiência e atualização de um mundo possível, ou como imaginação e virtualidade

constitutivas do mundo, o mito compõe o real na medida em que possibilita-nos compreender e conceber a natureza.

DK31B6. AÉCIO, 2, 3; SEXTO EMPÍRICO, X, 325.

Pois as quatro raízes de todas (as coisas) ouve primeiro: Zeus brilhante e Hera portadora de vida, Aidoneus e Nestis, que de lágrimas umedece fonte mortal.

Ao valer-se de nomes e imagens míticas para referir-se aos quatro elementos que constituem a *arkhé*, a cosmogonia dos poemas empedocleanos visa explicar a *phýsis* como um todo coerente. E ciente da imponderabilidade da natureza e dos limites próprios da medida humana (*lógos* enquanto narrativa e discurso que exprime uma lei universal – *nómos*, *thémis* ou *díke*), Empédocles recorre à linguagem poética, pois somente esta é capaz de fazer sentir e intuir, em um momento efêmero e evanescente, a *phýsis* enquanto absoluto, Necessidade.

CAPÍTULO QUINTO

A disciplina filosófica originária, além de um exercício rigoroso da palavra e da linguagem, do pensamento especulativo e reflexivo, é um modo de vida tipicamente grego, modo este que ganha especial relevo no Período Clássico com as exortações socráticas e sofísticas. Esse modo de vida conduzia o ser humano a agir diante da admiração, do assombro, do encantamento que o mundo e a natureza, a *phýsis* (*φύσις*) e o cosmo (*κόσμος*) impunham à experiência e aos sentidos (*empeiría* e *aísthesis*), também levava igualmente o homem a viabilizar e buscar soluções para os conflitos (*πόλεμος*⁵⁸) e crises (*κρίσις*⁵⁹)⁶⁰ da vida em sociedade, esta, por sua vez, entendida como um “micro *kósmos*” no seio da *pólis*.

⁵⁸. εἰδέε χρητὸν πόλεμον ἔόντα ζυνόν καὶ δίκην ἔριν καὶ γινόμενα πάντα κατ' ἔριν καὶ χρεώμενα MOURAVIEV, Serge F. 80. P. 168 / 22B80 DK - 14 [A7] *E se for necessário que a guerra seja concatenada, e a justiça seja a disputa, e que todas as coisas surjam segundo os vaticínios.* ORÍGENES, *Contra Celso* 6, 42. COLLI, Giorgio / (DK 80) ORÍGENES, *Contra Celso*, VI, 42. *É preciso saber que o combate é o-que-é-comum, e justiça (é) discórdia, e que todas (as coisas) vêm a ser segundo discórdia e necessidade.* Cf. SOUZA, José Cavalcante.

⁵⁹*Elemento essencial ao raciocínio, é enunciado pela proposição (apóphansis) e estudado especificamente por Aristóteles em De Interpretatione.* GOBRY, Ivan. p. 89

⁶⁰ A aproximação das palavras *polémos* e *krísis*, aqui, indica, tal como os fragmentos heraclíticos podem nos levar a interpretar, o combate, a guerra e a luta como condições de possibilidade do exercício do *lógos* e da *vóησις*, da razão discursiva, do discernimento e do pensamento intuitivo e reflexivo.

Assim, enquanto no período homérico e no período arcaico todos os fenômenos, políticos, morais, físicos, cosmológicos - *kósmos* e *pólis*, *phýsis* e *nómos*⁶¹ (*Noμος*) – estavam vinculados aos “Mestres da Verdade”⁶² e eram concebidos de modo indistinto ou como extensões um do outro a compor a totalidade do real, no período clássico, paulatinamente as atividades e o conhecimento humano passam a ser concebidos em sua relativa autonomia, em suas especificidades, como áreas e funções distintas do saber e da vida. A *Krîsis*, inerente ao fenômeno da *pólis*, elemento de discernimento imprescindível ao exercício do *lógos* e à demonstrabilidade e elaboração conceitual da Filosofia, mostra-se cada vez mais presente no mundo grego. As funções sociais de poeta, mago, rei e investigadores da natureza que antes convergiam em um só homem, passam a ser problematizadas e são atribuídas a homens que pretensamente possuem técnicas e habilidades específicas. Assim, no período clássico a preeminência da palavra, bem como seu paulatino uso conceitual, dialógico e sistemático em direção a uma maior autonomia do homem através da linguagem, sobre todas as outras convenções ou instrumentos de poder, é o que caracteriza o homem grego.

Ainda, junto do *lógos* poético, mítico e filosófico, temos a *Krîsis*, inerente ao fenômeno da *pólis*, como o elemento de discernimento imprescindível ao exercício do *lógos*, à demonstrabilidade e elaboração conceitual da Filosofia. O pensar mítico se vale da memória e de reminiscências de sonhos que afirmam a vontade, o ímpeto de existir no mundo. Ele é intuitivo, enigmático e ambíguo, na medida em que estabelece, através da admiração e do deslumbramento com o mundo e com a vida, suas razões necessárias. Já o pensar filosófico e conceitual é produto da dúvida metódica que visa definições, ele surge do exercício dialógico que pressupõe a negação e a afirmação, a identidade e a diferença, e visa a adequação e a convergência entre uma intuição intelectual, uma imagem da realidade, modelos teóricos do mundo e nossa capacidade de demonstrá-lo logicamente. Novamente “O mito é o império

⁶¹A lei, iniciativa do homem, opõe-se à natureza. De fato, entre os autores gregos, a lei não é efeito de uma causa universal e necessária dos fenômenos naturais, mas sim de uma regra social imposta pelos governantes. No entanto, vários autores afirmam que, anteriormente às leis do Estado, que são convencionais em maior ou menor grau, há leis não escritas (*ágraphoi nómoi* -) que são eternas e devem servir de referência à vontade humana. É o caso de Sócrates, no *Memorabilia de Xenofonte* (IV, 4). Eram essas leis as invocadas pela Atígona de Sófocles contra as decisões de Creonte (V, 453-455); são elas incidentalmente mencionadas por Aristóteles em sua política (VI, 5). A oposição entre natureza e lei aparece no Sofista Antífonte, que acusa a lei de aprisionar a natureza (Gernet, fr.4) e é exposta mais especialmente por Aristóteles na *Ética nicomaquéia* (V, 7). Este distingue duas espécies de direito: o direito natural (*physikón*/) é “aquele que, em todos os lugares, tem o mesmo poder e não depende da opinião”, ao contrário do direito legal (*nomikón*/), que depende do Estado. Em *Retórica* (I, X, 1), ele chama a lei escrita de particular (*ídios*/) e a lei não escrita, de comum (*koinós*/). GOBRY, Ivan. p 96-97

⁶² Cf. nota ...

onírico da vontade afirmadora da vida, a filosofia é o reino lógico-conceitual e imagético da vontade de compreender a vida”.

5 - REFERÊNCIAS

BENVENISTE, EMILE. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias I – Economia, Parentesco, Sociedade*. Tradução de Denise Botmann. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995

_____. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias II – Poder, Direito, Religião*. Tradução de Denise Botmann, Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

BURKERT, Walter. *Antigos Cultos de Mistério*. Tradução de Denise Botman. São Paulo: EDUSP, 1991

_____. *A Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Tradução de M.J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____, *A Criação do Sagrado*. Tradução de Vitor Silva. Lisboa: Edições 70, 1996.

BURNET, John. *O Despertar da Filosofia Grega*. Tradução de Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.

BURNS, Jonathan. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CORNFORD, F.M. *Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*. Tradução de Maria Manuela Rocheta dos Santos. Prefácio de W. K. C Guthrie. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

_____. *Antes e Depois de Sócrates*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Antiga*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DODDS, E.R. *Os Gregos e o Irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2000.

FOLSCHEID, Dominique e WUNENBERGER, Jean-Jacques. *Metodologia Filosófica*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GAZZINELLI, Gabriela Guimarães (org.). *Fragments Órficos*. Tradução e organização. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2007.

GUTHRIE. *Os Filósofos Gregos: de Tales a Aristóteles*. Tradução de Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

KAHN, Charles. *Pitágoras e os pitagóricos: uma breve história*. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

KIRK, G.S, RAVEN, J.E e SCHOENFIELD. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

KONSTAN, David. *A Amizade no Mundo Clássico*. Tradução de Márcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2006.

LAÉRTIOS, Diógenes. *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 1988.

MARTINICH, *Ensaio filosófico: o que é, como se faz*. Tradução de Adail U. Sobral. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

OTTO, Walter. *Os Deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego*. Tradução de Ordep Serra. São Paulo: Odysseus, 2005.

_____. *Teofania: o espírito da religião dos gregos antigos*. Tradução de Ordep Trindade Serra, São Paulo: Odysseus, 2006.

SOUZA, José Cavalcante. (org, e trad.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1975.

PETERS, F.E. *Termos Filosóficos Gregos: um léxico histórico*. Tradução de Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

ROSSETI, Lívio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho"*. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. *Figura, Ídolos e Máscaras*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

_____. *A morte nos olhos: a figuração do outro na Grécia Antiga, Ártemis e Gorgó*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

VERNANT, Jean-Pierre e DETIENNE, Marcel. *Métis: as astúcias da inteligência*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.

